

Música, Cultura & Educação



Editora
IFMA

João Fortunato Soares de Quadros Júnior (Org.)

Música, Cultura & Educação

1ª Edição

São Luís – MA
IFMA
2019



Av. Colares Moreira, 477 –Renascença
CEP: 65075–441, São Luís –MA,
Telefone: +55 (98) 3215–1794

editora@ifma.edu.br | www.editora.ifma.edu.br

©2019 dos autores

A reprodução ou transmissão desta obra, ou parte dela, por qualquer meio, com propósitos de lucro e sem prévia autorização dos editores, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

A exatidão das informações, as opiniões e os conceitos emitidos nos capítulos são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Direitos Reservados desta edição
Editora IFMA

Q13m Quadros Júnior, João Fortunato Soares de.

Música, cultura e educação. / João Fortunato Soares de Quadros Júnior. _ São Luís: EDIFMA, 2019.

444 p. il.
ISBN: 978–85–69745–70–9

1. Educação–Brasil. 2. Cultura. 3. Música. 4. Histórico–cultural. 5. Cultura popular. Título.

CDU 37:78

Ficha Catalográfica elaborada por Michelle Silva Pinto –CRB 13/622

Instituto Federal do Maranhão

Francisco Roberto Brandão Ferreira
Reitor

Ximena Paula Nunes Bandeira Maia da Silva
Pró-reitora de Ensino

Natilene Mesquita Brito
Pró-reitora de Pesquisa,
Pós-graduação e Inovação

Fernando Antônio Carvalho de Lima
Pró-reitor de Extensão e Relações Institucionais

Washington Luis Ferreira Conceição
Pró-reitor de Administração

Carlos César Teixeira Ferreira
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

Gedeon Silva Reis
Diretor da Editora IFMA

Luís Cláudio de Melo Brito Rocha
Projeto gráfico e diagramação

Conselho Editorial da Editora IFMA - 2018/2020

Técnico Administrativo

Maria do Socorro Silva Lages
Luís Cláudio de Melo Brito Rocha

Pró-reitoria de Extensão

Fernando Antonio Carvalho de Lima

Bibliotecária/documentalista

Michelle Silva Pinto

Ciências Exatas e da Terra

Raimundo Santos de Castro
Helson Ricardo da Cruz Falcão

Ciências Biológicas

Douglas Rafael e Silva Barbosa

Engenharias

Orlando Donato Rocha Filho
Antonio Ernandes Macedo Paiva

Ciências da Saúde

Carolina Abreu de Carvalho

Ciências Agrárias

Delineide Pereira Gomes
Regia Maria Reis Gualter

Ciências Humanas

Odaleia Alves da Costa

Linguística, Letras e Artes

Paula Francinete Ribeiro de Araújo

Coordenador de Curso de Pós-graduação

Henio Henrique Aragão Rego

Apoio Técnico

Diego Deleon Mendonça Macedo
Luís Cláudio de Melo Brito Rocha

AGRADECIMENTOS

A realização desse livro só foi possível em função da colaboração dos diferentes autores que cederam gentilmente sua produção, aqui nominados: Ademir Adeodato, Beatriz Ilari, Carmen Roman-Torres, Ana Débora Barros, Amós Noia, Eduardo Moura, José Eusebio Moreno, Julia Vasques, Lucía Herrera, Luciane Cuervo, Naiara Araújo, Oswaldo Lorenzo, Susan Helfter, Liliam Barros, Sonia Chada e Tainá Façanha. Além disso, agradecemos enormemente ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA pelo suporte financeiro e logístico para a construção dessa obra. Finalmente, agradecemos a todos os profissionais da educação que nos incentivam constantemente a buscar caminhos que possibilitem a oferta de um ensino de música significativo na escola contemporânea.

SUMÁRIO

Apresentação	11
Contexto histórico y sociocultural de la música occidental	17
“Urrou! Urrou! Cultura popular como conteúdo de Artes para o Ensino Médio do Maranhão”	71
Etnomusicologia no Pará: caminhos e perspectivas	105
Gomes Cardim e o Ensino de musica na instrução publica capixaba (1908-1930) vestígios históricos	147
The Thornton Community Engagement Programs and Pathways for Emerging Music Teachers	181
CAMERA, IMAGE and SOUND: Cinema and Music, in Brazil and Spain from the 30s.....	203
Factores de influencia en la construcción de la preferencia musical	229
Preferencias Musicales, Factores de Influencia y Medios de Consumo Musical en Estudiantes de Música	277
Contribuciones de la música al desarrollo psicológico ...	313
Estudos sobre musicalidade e amusia: Um recorte sobre a memória na performance.....	351
Efeitos de um ateliê musical como função de estruturação psíquica em crianças com TEA.....	389
Repensando o desenvolvimento musical: Lições aprendidas através de uma pesquisa longitudinal..	421

Maia, G.; Ravazzano, L.. O Cinema Musical na América Latina: Uma Cartografia. **Significação**. V .42, n. 44, p. 212-231, 2015.

Miranda, L. The Spanish Cinema Soundtrack in the 1940s: Songs for a New Regime. **Widerscreen**. 3-4, 2016.

Pavlovic, T. [et al.]. **100 years of Spanish cinema**. Oxford: Wiley- Blackwell, 2008.

Sociedade Pró-Arte Moderna (Spam). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao265915/sociedade-pro-arte-moderna-spam>. Acesso em: 07 de Ago. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Triana-Toribio, N. **Spanish Film Cultures**, New York, Palgrave, 2016.

_____. **Spanish National Cinema**. London and New York, Routledge, 2003.

Vargas, G. (s.d.). “O cinema nacional: elemento de aproximação dos habitantes do País”. In: **A nova política do Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, vol. III.

Viany, A. **Introdução ao Cinema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Alhambra-Embrafilme, 1987.

Vicente, B. M. **Los Orígenes de la Canción Popular en el Cine Mudo Español (1896-1932)**. Tesis Doctoral. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2011.

CAPITULO 7

FACTORES DE INFLUENCIA EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA PREFERENCIA MUSICAL

Carmen María Roman-Torres
Universidad de Granada (España)
carmen_cnl@hotmail.com

João Fortunato Soares-Quadros Jr.
Universidade Federal do Maranhão (Brasil)
joaofjr@gmail.com

RESUMEN

El presente estudio objetiva presentar una revisión narrativa de la literatura sobre los diferentes factores que ejercen influencia en la construcción de las preferencias musicales. Para ello, se utilizó de estudios publicados en periódicos y libros en diferentes idiomas (inglés, español y portugués), resultando en una propuesta de organización de dichos factores a partir de tres categorías distintas: factores intrínsecos, extrínsecos y mixtos. Basado en esta organización, se pretende abordar de manera breve conceptos, características, resultados y discusiones de estudios abordando la influencia o asociación de variados factores en las elecciones de la música que se decide consumir. Por ende, es importante reforzar la necesidad de conocer la génesis de cómo son formadas nuestras preferencias musicales, algo que puede ayudarnos a conocer más sobre nosotros mismo, bien como pensar estrategias para el desarrollo de un consumo musical de forma más plural.

Palabras-claves: Preferencia musical, factores de influencia, consumo musical.

ABSTRACT

The present study aims to present a narrative review of the literature on the different factors that influence the construction of musical preferences. For this reason, it used studies published in scientific journals and books in different languages (English, Spanish, and Portuguese), resulting in a proposal to organize these factors from three different categories: intrinsic, extrinsic and mixed factors. Based on this organization, it is intended to briefly address concepts, characteristics, results and discussions of studies addressing the influence or association of various factors in the choices of the musical consumption. Therefore, it is important to reinforce the need to know the genesis of how our musical preferences are formed, something that can help us to know more about ourselves, as well as to think strategies for the development of a more plural musical consumption.

Keywords: Music preference, factors of influence, musical consumption.

Diferentes estudios que han buscado conocer los factores que orientan las personas durante su elección musical entre distintas opciones, suscitando discusiones que extrapolan el límite exclusivo del campo musical, analizando los hallazgos bajo la perspectiva de áreas como Psicología, Neurociencia y Educación. Por ello, se observa en la literatura científica una creciente de interés sobre ese tema, principalmente relacionado a cuestiones importantes como emociones (Juslin; Laukka, 2004), personalidad (Herrera; Soares-Quadros Jr.; Lorenzo, 2018), comportamiento (Beer; Greitemeyer, 2018), mercado (Jacob et al., 2009), etc. De esa manera, este capítulo pretende realizar una revisión narrativa acerca de los factores (intrínsecos, extrínsecos y mixtos) que contribuyen para la construcción de las preferencias musicales, abordando también los usos más frecuentes que los individuos hacen de la música.

Analizando diferentes estudios, se observa una gran imprecisión sobre los términos preferencia y gusto musicales, tratados en muchos trabajos como sinónimos (North & Hargreaves, 2007; Rentfrow; Goldberg; Levitin, 2011; Rentfrow; Gosling, 2003; Schäfer; Sedlmeier, 2009). Soares-Quadros Jr. y Lorenzo (2010) destacan que la diferencia fundamental entre estos dos términos se encuentra en su duración en el tiempo. Mientras que la preferencia musical se refiere a decisiones de corta duración y que pueden modificarse debido a la influencia tanto de factores internos como

externos al individuo, el gusto musical permanece estable un mayor periodo de tiempo y está conformado por las diferentes preferencias musicales que tiene un individuo a lo largo de su vida (North; Hargreaves, 2008). Cabe destacar que la preferencia por un estilo musical puede convertirse en gusto musical en el momento en que esta se vuelve frecuente y por tanto puede ser considerada como una preferencia estable y de largo plazo (Soares-Quadros Jr.; Lorenzo, 2010).

Para autores como Schäfer y Sedlmeier (2009), y Sloboda, O'Neill y Ivaldi (2001), la selección musical se encuentra condicionada por las metas y los objetivos establecidos por cada persona. Sin embargo, existen evidencias de que las preferencias musicales comienzan a conformarse ya desde el útero materno, fruto de una compleja interacción entre el entorno socio-cultural en que los individuos se encuentran inmersos y el conjunto de rasgos y cualidades que configuran su personalidad (Soares-Quadros Jr., 2017). Por ello, se producen dos situaciones bien diferenciadas: por una parte, hay momentos en los que es el propio individuo decide de manera **autónoma** qué, cómo y cuándo escuchar un determinado estilo musical; por otra, se encuentran situaciones en las que las decisiones musicales de los individuos son **inducidas** por su entorno social, como los sitios que frecuenta, la gente con la que se relaciona, la tradición familiar, etc. (Soares-Quadros Jr.; Lorenzo, 2010).

En ese sentido, es posible afirmar que muchos son los factores de influencia en la construcción de la preferencia musical de uno, que pueden estar tanto relacionados con las características concretas de la música (ritmo, altura, tempo, etc.), como también con aspectos de ámbito más personal, los cuales pueden ser clasificados como intrínsecos (género, edad, personalidad, etc.), extrínsecos (familia, amigos, medios de comunicación, etc.) o mixtos (clase social, religión, contexto sociocultural, etc.). Debido a su importancia plasmada en la literatura, se desarrollan a continuación de manera más detallada los factores relacionados con los aspectos de ámbito personal.

FACTORES INTRÍNSECOS

El grupo de los factores intrínsecos que ejercen influencia en la construcción de las preferencias musicales está aquí estructurado por elementos que constituyen las idiosincrasias de cada sujeto, es decir, aspectos que son responsable por la formación de identidad de los individuos. Por ello, se abordará en este trabajo tres de los más recurrentes en la literatura científica actual sobre preferencias musicales: género, edad y personalidad.

GÉNERO

Varios estudios relacionados al tema preferencia musical han mostrado diferencias significativas en función del género. En la literatura científica, los hom-

bres aparecen más relacionados a estilos considerados transgresores y reivindicativos, como el rap, o más duros como el heavy metal (Colley, 2008; Ekinci et al., 2012). Herrera, Cremades y Lorenzo (2010) acredita que ese tipo de preferencia encuentra asociación con los comportamientos mayoritariamente masculinos de rebeldía y de disconformidad con las reglas de la sociedad en la que viven. A esto añade Siverio y García (2007) que los hombres presentan mayores niveles de indisciplina y agresividad social que las mujeres, por lo que quizá la inclinación hacia estos estilos musicales sea una forma de que estas características se vean equilibradas.

Por otro lado, las preferencias musicales de las mujeres aparecen frecuentemente asociadas a estilos musicales caracterizados por un contenido más romántico, más populares y que incitan al baile como el pop y el reggaetón (Herrera; Cremades, 2011). Sobre este asunto, Soares-Quadros Jr. (2017) observó en su investigación que las mujeres están más sometidas a la influencia de los agentes de la educación informal, tales como la familia, la iglesia, los iguales y, especialmente, los medios de comunicación, modelando sus decisiones relativas tanto al universo musical como también con respecto a comportamientos, opiniones, lenguaje, vestuario, etc., en función de las normas establecidas por la moda corriente (García, 2005; Herrera; Cremades; Lorenzo, 2010). Esa aparece como un de los motivos para que estilos musicales con mayor asociación a los

medios de comunicación aparezcan frecuentemente vinculados a las preferencias musicales de las mujeres.

Uno de los razonamientos por los que estas diferencias de género pueden estar produciéndose se encuentra en las disimilitudes que existen entre las mujeres y los hombres en el uso de la música y en el significado que esta tiene para cada colectivo. Música parece asumir un lugar primario en la vida de los hombres, ejerciendo un importante papel en las relaciones sociales y afectivas que ellos establecen con su grupo de iguales, mientras que para las mujeres la música aparece como fondo sonoro en las actividades del cotidiano, ayudando a aliviar el aburrimiento, regular el estado de ánimo y para expresar sentimientos y emociones. Aunque en términos generales, las mujeres parecen otorgar a la música un peso mayor con relación al uso de esta como reguladora del estado de ánimo (Saarikallio, 2006; Tipa, 2015). Autores como Lazarevich et al. (2013) afirman que las mujeres tienden a establecer una relación intensa con la música para lidiar con sus problemas personales y con los conflictos que surgen en su día a día, estando ello en relación con el hecho de que la dimensión afectiva es más intensa e importante para las mujeres. Por el contrario, los hombres hacen un uso de la música más centrado en aumentar los niveles de energía y los estados de ánimo positivos.

Por ende, diferentes autores han identificado la existencia de prejuicios musicales entre hombres y mu-

jes. Christenson y Roberts (1998) han indicado que los hombres jóvenes no desean verse identificados con estilos asociados al sexo opuesto. Colley (2008), por su parte, observó que los hombres rechazaban con fuerza los estilos ‘característicos’ del sexo femenino, como el *chart pop*. A esto añaden North, Colley y Hargreaves (2003), en un estudio realizado con ejemplos musicales atribuidos a compositores de jazz de sexo femenino, la existencia de evidencias de prejuicios musicales pro-mujer en estudiantes de sexo femenino y prejuicios anti-mujer por estudiantes de sexo masculino.

No obstante, a pesar de los resultados y razonamientos aquí presentados, existen estudios donde no se encuentran diferencias significativas de género en las preferencias musicales de los individuos. Ello apoya la afirmación de autores como North (2010) y Soares-Quadros Jr. et al. (2018) sobre la necesidad de un mayor número de estudios que consideren el género como factor asociado a las preferencias musicales, no de manera aislada, sino de forma que se intenten identificar supuestas asociaciones con otros factores para justificar las diferencias observadas hasta ahora en el consumo musical de hombres y mujeres.

EDAD

Muchos estudios en centrado su interés en verificar posibles diferencias en la preferencia musical en función de la edad. LeBlanc (citado en Hargreaves, Comber y Colley, 1995) elaboró cuatro etapas por las cuales se explica la forma en la que las preferencias musicales van variando en función de la edad, implicando en lo que Hargreaves (1982) nombró como *open-earedness*, término creado para describir el nivel de tolerancia, curiosidad y apertura de un individuo hacia una amplia variedad de estilos musicales. La primera de las etapas afirma que los niños hasta los 8 años de edad están listos para escuchar y manifestar su preferencia por una amplia variedad de estilos musicales. La segunda expone que a medida que un individuo crece hacia la etapa evolutiva de la adolescencia, se produce un debilitamiento de esa disposición abierta hacia estilos considerados más conservadores, como la música clásica, concentrando la preferencia en estilos de mayor popularidad, principalmente el pop y el rock. En tercer lugar, LeBlanc afirma que la tolerancia hacia los estilos musicales se amplía de nuevo en el proceso hacia la adultez. Finalmente, expone como cuarta etapa que a medida que el oyente madura hasta la vejez se produce otra vez un declive en la disposición abierta hacia los estilos musicales existentes.

En edades tempranas, los niños, a través de sus padres, comienzan a decantarse por determinados esti-

los musicales que escuchan en su seno familiar, los que les resultan interesantes, con los que bailan o se sienten a gusto, etc. (Cremades; Lorenzo, 2007). Sin embargo, en la etapa de la adolescencia, los individuos desarrollan su autonomía para la tomada de decisiones a cerca de lo que prefieren consumir, etapa bastante influenciada sobre todo por los medios de comunicación, el Internet y los iguales (Eyerman, 2002; Oriola; Gustems, 2015). De acuerdo con Schäfer y Mehlhorn (2017), la importancia de la música llega a su clímax en la etapa de la adolescencia, aunque a medida que el individuo llega a la edad adulta su interés musical disminuye significativa y exponencialmente. Es por ello por lo que la etapa de la adolescencia se convierte en el momento más apropiado para estudiar las preferencias musicales, momento en el que estas preferencias marcan significativamente la vida de las personas (Delsing et al., 2008). Además, Rentfrow (2012) afirma que las preferencias musicales que se crean durante esta etapa evolutiva permanecen bastante estables durante toda la vida debido a que la adolescencia es una etapa crítica de la vida de construcción de la identidad, proceso en el que la música participa como elemento esencial. Por su parte, Delsing et al. (2008) exponen que el aumento de la estabilidad de las preferencias musicales de los adolescentes con la edad puede estar condicionado por la madurez personal y la formación de la identidad.

Haciendo alusión a la preferencia por estilos de música concretos en función de esta variable, cabe destacar estudios como el de Saarikallio (2006) con adolescentes, en el que resultó que la preferencia por la música clásica, el rock, el jazz, el folk y el góspel aumenta con la edad, mientras que la preferencia por el pop disminuye gradualmente. Por otro lado, en el estudio llevado a cabo por Delsing et al. (2008), se encuentra que la edad estuvo relacionada negativamente con los estilos rock y pop/dance, lo que indicó que los adolescentes mayores muestran preferencias más débiles por estos estilos musicales. Además, también se encontró que la edad estaba relacionada positivamente con intercepción de la dimensión musical Elite (ej. clásica, gospel y jazz), lo que indica que los adolescentes mayores muestran preferencias más fuertes por esta categoría musical. Concretamente en este estudio, también se encontraron asociaciones significativas entre la edad de los adolescentes y la trayectoria lineal, hallándose asociaciones positivas entre la edad y las dimensiones musicales Elite, Rock (ej. rock, heavy metal, punk y gótico) y Pop (ej. tecno y top 40), mientras que para la dimensión Urbana (ej. hip-hop/rap y soul/R&B).

La preferencia por unos u otros estilos musicales en función de la edad ha sido también explicada en base a la excitación y la valencia positiva. A modo de ejemplo, en un estudio realizado por Hunter, Schellenberg y Stalinski (2011) se halló que los niños (de 5, 8 y 11

años) preferían extractos musicales de alta excitación, mientras que los adultos preferían extractos con valencia positiva. Ello significa que la preferencia o el gusto por un determinado estilo musical también se ve afectado por la tendencia a fijarse en las diferentes características musicales, lo cual varía en función de la edad y de la etapa evolutiva en la que se encuentre una persona. Por ejemplo, mientras que las emociones evocadas por la música pueden ser identificadas de la misma forma por un niño de 11 años que por un adulto, el gusto o la preferencia por la música que transmite determinadas emociones no es similar hasta la adultez (Stalinski; Schellenberg, 2012). De esa manera, por todo lo anteriormente expuesto, los cambios en el desarrollo evolutivo se reflejan tanto en las características perceptivas de la música como en rasgos más complejos, como la percepción e identificación de las emociones, y por supuesto en las preferencias musicales (Stalinski; Schellenberg, 2012).

PERSONALIDAD

Diariamente, las personas ocupan su tiempo libre realizando sus actividades favoritas, pudiendo encontrarse entre ellas la lectura, jugar a los videojuegos, practicar deportes, ver películas, hacer senderismo, escuchar música o tocar un instrumento. Sin duda, todas ellas ofrecen información de cómo son las personas. Es por ello que no resulta extraño pensar que conocer e indagar sobre las preferencias musicales de los indivi-

duos aporta información personal de estos que no es encontrada a través del análisis de otros aspectos de su vida (Rentfrow; Gosling, 2006). En este sentido, Delsing et al. (2008) afirman que los rasgos de personalidad son capaces de predecir cambios en las preferencias musicales. Muchos creen que dar a conocer sus estilos musicales preferidos es mostrar al resto del mundo información íntima y personal sobre su forma de ser, puesto que en el trasfondo de una elección musical se encuentran aspectos comportamentales y características personales (North, 2010; Rentfrow; Gosling, 2006).

Debido a que pueden ser muchas las razones por las que una persona muestre preferencia por un estilo musical, ya que el uso de la música difiere de una persona a otra (Schäfer; Sedlmeier, 2009), a veces resulta complejo hablar sobre el prototipo de persona que escucha heavy metal o el típico oyente de rock. Aun así, numerosas investigaciones han intentado establecer relación entre la preferencia musical y diferentes aspectos de la personalidad del oyente (Delsing et al., 2008; Dunn; De Ruyter; Bouwhuis, 2012; Rentfrow, 2012; Rentfrow; Gosling, 2003).

Rentfrow y Gosling (2003) son los autores que representan un punto de inflexión relativamente reciente en la investigación de las preferencias musicales y la personalidad. Tanto en su trabajo como en trabajos posteriores similares se ha producido un avance para conocer y entender las estructuras de las preferencias

musicales y los aspectos de la personalidad que están relacionados con cada una de ellas. En su estudio, estos autores encontraron una relación positiva entre la preferencia por música alternativa, rock y heavy metal (dimensión musical Intensa y Rebelde) y la apertura a la experiencia, al igual que ocurría con los estilos que conforman la dimensión Reflexiva y Compleja (ej. clásica y blues). Esta última dimensión además correlacionaba positivamente con estabilidad emocional. Por otro lado, los participantes que mostraron preferencia por los estilos musicales que conformaban la dimensión *Upbeat* y Convencional (ej. pop y country) resultaron obtener mayores puntuaciones en extraversión, simpatía y conciencia. Curiosamente, esta dimensión correlacionó de manera negativa con la presencia de síntomas depresivos. Finalmente, los estilos musicales pertenecientes a la dimensión Energética y Rítmica (ej. rap y electrónica) correlacionaron de manera positiva con extraversión y simpatía.

Del mismo modo, en un estudio posterior llevado a cabo por Delsing et al. (2008), esta vez con adolescentes holandeses, los resultados fueron bastante similares a los de Rentfrow y Gosling (2003), si bien en este caso la relación entre estabilidad emocional y dimensión Elite (ej. clásica) fue negativa y la correlación entre apertura a nuevas experiencias y dimensión Pop/Dance no fue significativa. Este resultado son acuñados a la diferencia de popularidad de los estilos musicales que

hay en cada uno de los países donde se llevaron a cabo las investigaciones (Estados Unidos y Países Bajos). De ahí la importancia de llevar a cabo más investigaciones en diferentes países para comprobar certeramente los motivos que fundamentan dichas diferencias. Además, cabe destacar que a modo de comparación entre los dos estudios tratados anteriormente, se encontró que la relación entre la personalidad y las preferencias musicales era más débil en el estudio de Delsing et al. (2008), lo que hace pensar que la personalidad puede tener un efecto menor en los adolescentes que en estudiantes universitarios, puesto que las influencias de los pares son mucho más poderosas en la etapa evolutiva de la adolescencia.

Rentfrow y Gosling (2003) afirman que una persona con un alto nivel de apertura hacia nuevas experiencias tiende a preferir estilos de música que refuerzan su visión de ser artístico y sofisticado. Ello es afirmado también por Dunn, De Ruyter y Bouwhuis (2012), aunque van más allá, especificando que es el gusto por el jazz el que se encuentra en relación directa con las personas que son más dadas a vivenciar nuevas experiencias. Además, estos autores añaden que aquellas personas que tienden al neuroticismo muestran mayor preferencia por música clásica.

Por su parte, Rentfrow (2012) expone que las personas con preferencias por estilos musicales sofisticados, como la música clásica, la ópera y el jazz, tienen un

alto nivel de apertura, creatividad e imaginación. De otro lado, este autor afirma que las personas que muestran preferencia por estilos musicales duros e intensos, como el heavy metal y el punk, tienen un alto nivel de apertura, búsqueda de sensaciones, impulsividad y capacidad atlética. Sin embargo, las personas con preferencias por la música contemporánea, como el pop, el rap y la danza, tienen un alto nivel de extraversión, valoran el reconocimiento social, respaldan más estereotipos de género, tienen actitudes más permisivas sobre el sexo y se consideran atractivos físicamente.

Frente a las afirmaciones y resultados comentados anteriormente sobre varios estudios que han focalizado su atención en estudiar la forma en que las preferencias musicales se encuentran en relación con los cinco grandes rasgos de la personalidad humana (neuroticismo, apertura, responsabilidad, amabilidad y extraversión), cabe decir que se ha cuestionado la consistencia desde el punto de vista científico de esos resultados. Esta afirmación es respaldada por el estudio realizado recientemente por Schäfer y Melhorn (2017), autores que llevaron a cabo un meta-análisis con los datos obtenidos por 28 estudios a cerca de las asociaciones entre preferencia musical y personalidad donde observaron que, por un lado, parte de los resultados eran divergentes y, por otro, los resultados obtenidos muestran tamaños de efecto bastante diferentes. El meta-análisis arrojó datos globales bastante decepcionantes.

cionantes, pues gran parte de las correlaciones han salido entre pequeñas y nulas, lo que sugiere que no hay una asociación fuerte entre las preferencias musicales y los rasgos de personalidad. Así, se puede afirmar que es probable que la influencia otorgada a la personalidad sobre la construcción de las preferencias musicales haya sido exagerada en la literatura.

COMPORTAMIENTO

Por otra parte, la investigación sobre preferencias musicales también ofrece la posibilidad de indagar entre las relaciones de la música y comportamientos problemáticos puesto que desde hace años, se han venido asociando determinados estilos musicales a comportamientos delincuentes como el consumo de alcohol y drogas, manifestación de conductas agresivas, etc. Así, numerosos trabajos han identificado que existe una relación consistente entre una mala salud mental o comportamientos problemáticos y la preferencia por estilos musicales como el rap o la música heavy metal sobre todo por parte de los adolescentes (North; Hargreaves, 2007; Selfhout et al., 2008; Tarrant; North; Hargreaves, 2001).

En relación al consumo de alcohol, el trabajo de Ekinci et al. (2012) muestra que este fue más alto en los grupos que preferían dance/hip-hop, seguidos por aquellos que preferían heavy metal. Sin embargo, estos autores no encontraron diferencias entre grupos en relación al consumo de tabaco y otras sustancias. En

cuanto a los problemas de conducta de externalización, donde se ubican las agresiones y el abuso de sustancias, Mulder et al. (2007) encontraron en su trabajo que estos problemas fueron mucho más frecuentes entre los amantes del rock, heavy metal y el rap en comparación con los participantes que preferían otros estilos musicales. Finalmente, cabe resaltar que según Ekinci et al. (2012) aquellos participantes que eran amantes del heavy metal reportaban mayores problemas en su relación con los padres.

En referencia a comportamientos problemáticos internos, tales como la autolesión o suicidio estos son más frecuentes en aquellos que muestran una preferencia hacia el heavy metal (Selfhout et al., 2008), gótica (Young; Sweeting; West, 2006), rock (Mulder et al., 2007) y el hip hop (Selfhout et al., 2008). Por otro lado, Rentfrow (2012) añade en relación a la depresión que esta alteración del estado de ánimo se produce con mayor frecuencia en aquellos que muestran una preferencia por música clásica u otros estilos considerados de "Elite". En oposición a esto, Ekinci et al. (2012) descubrió que la presencia de música heavy metal en la lista de reproducción de los adolescentes participantes en su estudio estaba asociada con índices depresivos más altos que la música pop o hip-hop. Además, los resultados informaron que las adolescentes que tenían una preferencia por el estilo de música rap mostraban índices de depresión más altos.

FACTORES EXTRÍNSECOS

El grupo de los factores extrínsecos, por su parte, fue organizado a partir de elementos sociales, culturales, económicos, educativos, etc., en que los individuos se ven obligados (consciente o inconscientemente) a participar y que contribuyen en gran medida para su formación humana. Así, este apartado se encuentra conformado por la educación formal y la educación informal.

EDUCACIÓN FORMAL

La educación formal se define como el sistema educativo institucionalizado, estructurado jerárquicamente, graduado cronológicamente y que se extiende desde los primeros años de la escuela de Educación Primaria hasta la Universidad (Berbel; Díaz, 2014). Este tipo de educación está determinada por las políticas públicas que dan lugar a las leyes educativas y a un currículo formalizado en el cual se basan los centros educativos con la intencionalidad de proporcionar una educación digna e igualitaria a todos los estudiantes (Mallett et al., 2009). En este ámbito de la educación, el profesor de música es el encargado de transmitir una serie de contenidos y valores en base a lo dictado por las leyes de educación para que los alumnos construyan de manera significativa los conocimientos musicales esenciales en cada una de las etapas obligatorias del Sistema Educativo (Eshach, 2007).

Con respecto al contexto educativo actual de España, es importante destacar que la Ley Orgánica de Ordenación General del Sistema Educativo nº 1/1990 (LOGSE, 1990) ofreció la posibilidad de que la sociedad pudiera formarse en el ámbito musical. Con la llegada de las sucesivas leyes tanto de parte de la Ley Orgánica de Educación (LOE, 2006) como de la Ley Orgánica de Mejora de la Calidad Educativa (LOMCE, 2013), la asignatura de música ha ido disminuyendo su presencia en la etapa de secundaria y por lo tanto no se garantiza en pleno siglo XXI una adecuada formación musical de mano de la educación formal para las nuevas generaciones. Concretamente con la LOMCE (Ley vigente), la asignatura de música en Educación Secundaria Obligatoria ha pasado de obligatoria a optativa, si bien es cierto que en muchas Comunidades Autónomas, entre ellas Andalucía, aún permanece como obligatoria en primer y segundo curso.

El currículo de la asignatura en la etapa de secundaria incluye una serie de contenidos prácticamente inabarcables si se tiene en consideración que solo se cuenta con dos horas a la semana para su impartición (LOMCE, 2013). A pesar de ello, los profesores intentan cumplir los contenidos haciendo ello de forma superficial y con la ayuda del libro de texto. Cabe señalar, haciendo alusión a la utilización de los libros de texto por parte de los docentes, que a pesar de que la sociedad ha evolucionado y que las preferencias musicales de

los estudiantes han ido variando a lo largo de los años, los libros de texto siguen estancados y los ejemplos y contenidos, en su mayoría, están relacionados con la música clásica, provocando en los adolescentes una actitud de rechazo hacia la asignatura a pesar de ser una de las ramas del saber de las que más hacen uso fuera del ámbito formal (Pérez, 2005).

Y es que la música no puede ser enseñada como cualquier otra materia escolar en estas edades, por ello deberían proponerse desde los institutos alternativas que se adapten a las preferencias y a las realidades sociales y culturales de los alumnos. Además, deben ser los docentes especialistas de música los que tienen que aceptar que se produzcan cambios en la enseñanza y que los contenidos sean adaptados al entorno sonoro de los estudiantes (Lehmann; Sloboda; Woody, 2007). De esa forma, se erradicaría el que es uno de los mayores problemas encontrados en los centros educativos: el gran antagonismo entre la música que los adolescentes escuchan con sus amigos o en casa y la que escuchan en la clase de música (Oriola; Gustems, 2015).

Es por este antagonismo que se produce en las aulas de secundaria por lo que la educación musical que es recibida en los institutos no es bien acogida por los estudiantes ni tampoco ejerce una gran influencia en la formación y asentamiento de las preferencias musicales de los adolescentes (Herrera; Cremades, 2011). También, el hecho de que sea la música clásica el cen-

tro del proceso de enseñanza-aprendizaje, la cual está totalmente desvinculada del día a día de los individuos, ocasiona en los adolescentes un sentimiento de duda hacia el gusto por este estilo musical. Autores como Tanner, Asbridge y Wortley (2008) llaman la atención para el hecho de que, en este escenario, muchos adolescentes suponen que si aceptan y escuchan música clásica, las relaciones con sus iguales van a empeorar, llegando a sentirse rechazados por no seguir las modas y la cultura juvenil.

EDUCACIÓN INFORMAL

El contexto en el que tiene lugar la educación informal puede ser muy variado, pudiendo producirse en la calle, en parques, en centros recreativos de jóvenes, en casa, etc. (Hargreaves; Marshall; North, 2003). Dentro de la educación informal se sitúa la familia, primer agente socializador que desempeña un importante papel en el desarrollo conductual, cognitivo y emocional de los niños (Herrera; Cremades; Lorenzo, 2010). Es en el seno familiar donde se desarrollan las primeras nociones musicales por parte de los niños y se apoya y anima a estos a desarrollar sus aptitudes musicales. Precisamente, en el conjunto de las diferentes experiencias musicales que el niño viva durante la etapa de la infancia se irá predisponiendo a este de forma temprana a unos u otros estilos musicales (Cremades; Lorenzo, 2007).

A pesar de que en la construcción de las preferencias musicales la familia juega un importante papel, como consecuencia de los profundos cambios que se están produciendo en la sociedad, actualmente la familia está perdiendo la gran influencia que poseía sobre los niños. Este debilitamiento de la familia se intensifica en el periodo de la adolescencia, siendo el grupo de iguales el que ocupa su lugar. De hecho, muchos estudios afirman que el grupo de amigos desempeña una gran influencia en la construcción de preferencias musicales de los adolescentes (Eyerman, 2002; Palmés, 2004; Schäfer; Mehlhorn, 2017).

Por otro lado, son los medios de comunicación de masa (también llamado de *mass media*) los que ocupan una posición superior en la vida de estos, puesto que actualmente la población vive en una sociedad mediática donde los medios de comunicación están presentes en su día a día (Herrera; Cremades, 2011; Vázquez; Mouján, 2016). Los *mass media* son definidos por Lorenzo (2002, p. 239) como un “conjunto de medios de información y/o comunicación que de forma masiva envían mensajes verbo icónicos a grandes grupos de población”. Ampliando esta definición, Soares-Quadros Jr. (2017) añade que estos ejercen una influencia decisiva en la educación social de los ciudadanos a partir de mensajes impresos, fílmicos y electrónicos.

Durante la primera mitad del siglo XX, la música solo podía ser escuchada en vivo en diferentes localiza-

ciones tales como un salón privado, salas de conciertos públicos, en las iglesias, etc. Sin embargo, esta situación cambió por completo con la llegada de la música grabada y la radio, permitiendo el acceso y la creación de cualquier tipo de música (Oriola; Gustems, 2015). Posteriormente apareció la televisión, medio de comunicación que causó un gran impacto social y que ha tenido un crecimiento progresivo hasta el momento actual. Este se configura como uno de los elementos centrales de la vida familiar y desde el punto de vista musical son varios los programas emitidos destinados a la música, influyendo estos de forma directa en la construcción de las preferencias de los individuos.

En estudio reciente, Soares-Quadros Jr. (2017) afirmó que la televisión llega a casi 100% de los hogares en Brasil, siendo el medio de comunicación más influyente en aquella población. A modo de ejemplo en el contexto español, Operación Triunfo, programa de música de gran audiencia en España, ha extendido su influencia musical en muchas familias, generando entre su público corrientes de opinión y discusión familiar, apartando a la audiencia de los muchos estilos musicales que no se oyen por este medio. Como consecuencia, se crea una homogeneización socio-musical nada crítica ante la que muchas familias españolas, que por su falta de formación musical crítica en muchos casos, no son capaces de valorar de forma efectiva el hecho musical (Lorenzo, 2002). Por ende, para no sentirse diferentes y apartados

de su entorno social, los individuos aceptan la opinión musical de las masas condicionadas por los intereses mediáticos y comerciales (Cremades; Lorenzo, 2007).

A pesar de que los medios informativos tradicionales (radio, cine y televisión) han sido de gran importancia para la educación musical de los ciudadanos, cabe señalar que concretamente en relación a la radio, a pesar de que esta ha sido el medio de comunicación de gran peso durante décadas, con la llegada de Internet ha quedado obsoleta, una consecuencia de su falta de innovación y por no responder tan rápidamente como Internet a las necesidades de los oyentes, como afirman López, Gómez y Redondo (2014). Estos autores señalan que una de las desventajas de la radio frente a Internet es que los usuarios no pueden elegir la música que van a escuchar, de hecho ni si quieren saben cuál va a sonar. Por el contrario, con las numerosas aplicaciones de música que pueden ser usadas a través del móvil y de los ordenadores, los oyentes pueden crear sus propias listas de reproducción acorde a sus preferencias musicales y además pueden compartirlas con sus grupos de amigos, algo de suma importancia en la etapa de la adolescencia. Además, los individuos pueden estar al tanto de los últimos éxitos de la cultura musical consultando revistas on-line, webs, y diversas aplicaciones a las que se puede acceder a través de móviles, tabletas, y ordenadores (Soares-Quadros Jr., 2017).

Así, se puede afirmar que actualmente el medio de generación de conocimiento musical más utilizado por los jóvenes es el Internet, medio por el cual se propaga una inimaginable cantidad de información musical y general a una gran velocidad y que contribuye a la construcción del conocimiento musical por parte de la población (Oriola; Gustems, 2015). Estas nuevas formas de relacionarse, de aprender, de ocio, y el hecho de tener acceso a información ilimitada desde cualquier sitio y lugar del mundo han sido profundamente estudiadas por las industrias culturales, proporcionando a los adolescentes una serie de servicios tecnológicos creados especialmente para ellos. Este nuevo mercado, conocido como *teenager market*, ha sido el responsable de crear un “prototipo” de adolescente caracterizado por tener gustos y preferencias globalizadas (en música, moda, subculturas juveniles, etc.) (Oriola; Gustems, 2015).

Como ejemplo de este fenómeno, se pueden citar los resultados de la investigación llevada a cabo por Cremades y Herrera (2010) en España en el que los adolescentes afirmaron que el conocimiento que poseían de los diferentes estilos musicales estaba influenciado de manera determinante por la educación informal. También en otro estudio llevado a cabo en Brasil por Soares-Quadros Jr. (2017), se demostró que los adolescentes se encuentran mayormente influenciados por Internet, por la radio y por los amigos en el proceso de configuración de sus preferencias musicales. Por ende,

la influencia de la educación informal es de lejos mucho más poderosa e influenciadora en los adolescentes en la frecuencia de escucha y consumo de determinados estilos musicales que la educación formal (Herrera; Cremades, 2011; Lavielle-Pulléz, 2014).

FACTORES MIXTOS

Si bien los factores intrínsecos y extrínsecos han cobrado una gran importancia en las investigaciones relacionadas con la construcción de las preferencias musicales, resulta también importante hacer una reseña breve a otros factores de carácter mixtos. Estos son definidos aquí como elementos que dependen directamente de la decisión del individuo, que pueden ser cambiadas al interés y al tiempo del sujeto. Por ello, se abordará en este apartado los factores contexto sociocultural y clase social, bastante discutidos en la literatura científica relacionada al tema preferencia musical.

CONTEXTO SOCIOCULTURAL

De acuerdo con Herrera, Cremades y Lorenzo (2010), las preferencias musicales de los individuos varían en función de su origen cultural debido a que la cultura propia de una región o un país, así como la forma en la que los individuos se relacionan unos con otros, actúan como condicionantes de las preferencias musicales. A modo de ejemplo, se puede citar la gran diferencia existente entre la cultura occidental y la africa-

na, ya que los instrumentos al igual que las sonoridades y usos de la música son bien distintos (Murrock, 2005).

En función del origen del individuo, la cultura es procesada de manera mucho más rápida y directa desde el punto de vista emocional y afectivo porque los individuos se encuentran familiarizados con todas sus características y particularidades de ese tipo de música concreto. Por ello, se puede hablar de instrumentos típicos, de ritos, tradiciones, y sentidos que le son otorgados a cada pieza u obra musical, los cuales varían de un país a otro, e incluso de unas zonas a otras, construyendo así diferentes identidades colectivas (Flores-Gutiérrez; Díaz, 2009).

En este proceso de familiarización se ve inmerso también el poder social de la música de unir a las personas, ya que bien sea por la cultura, la generación o el idioma el vínculo de la música, hace que el sentimiento de soledad de los individuos quede disipado como consecuencia de que cada rito, característica sonora, instrumento o canto se convierta en tradición y en un elemento de comunicación, socialización y expresión emocional. Por todo ello, se afirma que la música es un símbolo de pertenencia e identidad cultural tanto personal como colectiva (Murrock, 2005).

En el estudio llevado a cabo por Cremades et al. (2010) en Melilla (España) con jóvenes de origen europeo, bereber y mixto, se hallaron diferencias significativas en relación al origen cultural en la frecuencia de

escucha de determinados estilos musicales evaluados. Entre los resultados significativos hallados se encontró que los estudiantes de origen cultural europeo escuchaban más bandas sonoras, rock & roll, heavy metal y techno que los de origen bereber, mientras que estos últimos tendían a escuchar principalmente estilos musicales étnicos, coincidiendo en algunos casos con estilos cercanos a su cultura como el Raï. Estas diferencias pueden estar ocasionadas porque la cultura de cada grupo de individuos está ejerciendo gran influencia en la construcción de las preferencias musicales (Herrera; Cremades; Lorenzo, 2010). Del mismo modo, es evidente que también la religión es un factor influyente, pues las tradiciones y las costumbres se encuentran en relación directa con la construcción de la personalidad de los individuos y como consecuencia de ello las preferencias de estos se ven afectadas. Por otro lado, en relación a los estudiantes de origen mixto, las únicas diferencias significativas fueron que los estudiantes de origen europeo y bereber escuchaban más R&B que los de origen mixto.

Pese a que el factor cultural cobra importancia en la formación de las preferencias musicales, cabe destacar que curiosamente el entorno sociocultural no afecta en ningún momento en como los individuos perciben la música. Fuente de esta afirmación es el resultado encontrado en un estudio llevado a cabo en el norte de Camerún por Fritz et al. (2009) con individuos

procedentes de dos hemisferios opuestos del mundo con la particularidad de que nunca habían escuchado música occidental. Todos los individuos, a pesar de esas condiciones, fueron capaces de identificar si la música que sonaba era triste, aterradora o alegre. Este hecho se asocia a que como la tradición musical occidental intenta imitar la prosodia de una voz triste para crear música triste, a pesar de que una persona no haya escuchado nunca antes dicha música, debido a los procesamientos cerebrales, los individuos son capaces de interpretar y discriminar las diferentes emociones que son expresadas a través de una pieza musical.

Stalinski y Schellenberg (2012) coinciden con los resultados arriba expuestos afirmando que hay una serie de elementos musicales universales que parecen provenir de las predisposiciones del procesamiento humano. No obstante, no se puede olvidar que existe una gran variedad de música según las culturas que es más familiar y que resulta más fácil de recordar, puesto que posee un significado importante para el individuo. Así, las diferencias culturales y, sobre todo, las diferencias de recepción musical en culturas distintas pueden ejercer influencia en el tipo y la intensidad de la preferencia musical (Schäfer, 2008).

CLASE SOCIAL

Con respecto a la clase social y su relación con determinados estilos musicales, siempre ha existido el

tópico de que los estilos musicales cultos eran los preferidos por aquellas personas con un nivel socio-económico alto, lo que les permitía estar en contacto con la alta sociedad al estar este estilo musical presente en grandes y famosos salones de las grandes ciudades (Tanner; Asbridge; Wortley, 2008). Del mismo modo, estilos más urbanos como el rap/hip-hop, o más duros como el heavy metal y el rock, han sido asociados a personas procedentes de barrios marginales, con un estilo más urbano y con ingresos económicos moderados o bajos (Cremades et al., 2010). Como fruto de estos tópicos, se han llevado a cabo varios estudios en relación con la clase social y las preferencias musicales para verificar la veracidad de estos. Algunos de los resultados hallados en varios de estos estudios se exponen a continuación.

En dos estudios recientes, Delsing et al. (2008) y North (2010) muestran que la categoría Elite (jazz, clásica y góspel) y el meta-estilo Música Clásica (clásico, barroco, coral, ópera y siglo XX) respectivamente han resultado asociados con una alta puntuación con la dimensión apertura a la experiencia, lo que difiere profundamente con la idea preconcebida de que los aficionados a este tipo de música tienen una visión conservadora del mundo. De hecho, parece ser que estos aficionados son más aventureros, menos convencionales y que esa preferencia se mantienen a lo largo del tiempo. En cuanto a la asociación que existe entre los aficionados de este tipo de música con el nivel económico, North y Hargreaves (2007) apuntan que efectivamente los amantes de la música considerada como

sofisticada poseían una alta renta y un alto nivel educativo, y por el contrario eran los fans de la música rap y electrónica los que tenían un status socioeconómico más bajo. La relación entre la música rap y el nivel socioeconómico bajo puede ser fruto del origen de este estilo musical, que surgió en los barrios marginales de las grandes ciudades y que está caracterizado por hacer un llamamiento al mundo con los contenidos de sus letras que tratan temáticas reivindicativas sobre situaciones de injusticia, personas desfavorecidas, marginadas, etc., utilizando así la música como una forma de expresión y reivindicación (Cremades et al., 2010).

Sobre ello, el clásico estudio de Bourdieu (2007) defiende que nuestro *background* cultural es responsable por determinar nuestras preferencias musicales. Basado en ello, este autor ha definido tres universos distintos de preferencias musicales singulares que si relacionan con el nivel de estudio y con la clase social de uno:

- *Gusto legítimo*: aparece en clases formadas y con mayor poder adquisitivo. Gusto por las obras artísticas legítimas, representadas por Bourdieu por obras musicales como el *Clave Bien Temperado*, *El Arte de la Fuga*, el *Concierto para la mano izquierda*, o, en la pintura, Bruegel o Goya.
- *Gusto medio*: más frecuente en las clases medias que en las populares y dominantes. Reúne, por un lado, las obras menores de las artes mayores –por ejemplo, *Rhapsody in Blue*, *Rapsodia húngara* o, en la pintura, Utrillo, Buffet o incluso

Renoir-, y, por otro, las obras mayores de las artes menores, por ejemplo, en la canción, Jacques Brel y Gilbert Bécaud.

- *Gusto popular*: encuentra su más elevada frecuencia en las clases populares y varía en razón inversa al nivel educativo. Está representada por la elección de obras de música llamada ‘ligera’ o de música culta desvalorizada por la divulgación mediática, como *Danubio azul*, *La Traviatta*, *La Arlésienne* y, sobre todo, las canciones vacías de cualquier tipo de ambición o de pretensión artística, tales como las de Mariano, Guétary o Petula Clark.

Si bien Bourdieu (2007) afirma la existencia de una segregación social con base en los gustos musicales, a partir de la cual las clases sociales más altas escuchan estilos ‘cultos’ más que los individuos de clases más bajas, los resultados del estudio de North (2010) diverge del anterior cuando presenta relaciones negativas entre la renta y las preferencias para estilos musicales como el clásico y el jazz. Frente a estos estilos, fue el dance el que resultó tener una fuerte correlación positiva con la renta de los individuos. Eso pone de manifiesto la necesidad de realización de un número más grande de estudio a cerca de este tema.

Adicionalmente, diferentes estudios indican que las personas de clases sociales más elevadas son también más omnívoros o ecléticos en sus preferencias

musicales (Peterson; Simkus, 1992; Robinson, 1993; Soares-Quadros Jr.; Lorenzo, 2013; Van Eijck, 2001). En este sentido, Hughes (1999, p. 13), expone que “poseer gustos omnívoros puede simbolizar la adhesión a clases más altas y puede funcionar para excluir a sus participantes de aquellos de otras clases, creando fronteras entre los niveles sociales”.

Sobre ese punto, López-Sintas y Katz-Gerro (2005) muestran que cuanto menor es la discriminación referente al status social, mayor es la amplitud media de los gustos musicales. Así, el eclecticismo cultural (y como resultado de éste la reducción de la discriminación social) es una expresión actual de calidad personal altamente valorizadas y recompensada (Peterson; Simkus, 1992). Por su parte, Tanner, Asbridge y Wortley (2008) describe que son precisamente los grupos de alto estatus los que tienden a informar que no solo muestran una preferencia por la música clásica y los estilos que se encuentran relacionados con esta, sino que también lo hacen hacia la música popular. Además, añaden que es precisamente este hecho el que los distingue y les otorga exclusividad frente a los fanáticos por un determinado estilo musical.

Como causa de estas disparidades encontradas en la literatura consultada, resulta bastante complejo establecer una serie de afirmaciones en base a la relación existente entre la clase social y las preferencias musicales que puedan ser coherentes y generalizables. Ade-

más, la relación entre los distintos estilos musicales y los factores económicos que influyen en la conformación de las clases sociales no deben ser analizados de manera aislada, hecho que indica la necesidad de se desarrollar nuevos estudios para evaluar cual la real influencia del poder de consumo (y no sólo la renta que uno dispone) en las decisiones relacionadas al campo musical.

CONSIDERACIONES FINALES

La diversidad de aspectos abordados en este texto son solamente un pequeño recorte de diferentes factores que influyen en la construcción de las preferencias musicales, no su siendo intención el agotamiento total de la discusión propuesta. Como avance, este trabajo propone la organización de tres categorías de factores de influencia en las preferencias musicales: factores intrínsecos, extrínsecos y mixto. Este tipo categorización puede promover otros caminos de análisis de la preferencia musical, indo más allá de las discusiones específicas encontradas en la literatura global. Por ende, es importante reforzar la necesidad de conocer la génesis de cómo son formadas nuestras preferencias musicales, algo que puede ayudarnos a conocer más sobre nosotros mismo, bien como pensar estrategias para el desarrollo de un consumo musical de forma más plural.

REFERENCIAS

- Beer, A.; Greitemeyer, T. The effects of background music on tipping behavior in a restaurant: a field study. **Psychology of music**, s/n, p. 1-7, 2018. doi: : 10.1177/3057561875587
- Berbel, N.; Díaz, M. Educación formal y no formal. Un punto de encuentro en educación musical. **Aula abierta**, v. 42, n. 1, p. 47-52, 2014. doi: 10.1016/S0210-2773(14)70008-3
- Bourdieu, P. **Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- Christenson, P.; Roberts, D. **It's not only rock 'n' roll: popular music in the lives of adolescents**. Cresskill, NJ: Hampton Press, 1998.
- Colley, A. Young people's musical taste: relationship with gender and gender-related traits'. **Journal of Applied social Psychology**, v. 38, n. 8, p. 2039-2055, 2008. doi: 10.1111/j.1559-1816.2008.00379.x
- Cremades, R.; Herrera, L. Estudio comparativo de la educación formal e informal en el conocimiento musical de los estudiantes de enseñanza profesional de música. **Publicaciones**, v. 40, p. 73-87, 2010.
- Cremades, R.; Lorenzo, O. Familia, música y educación informal. **Música y Educación**, v. 20, n. 72, p. 35-46, 2007.
- Cremades, R.; Lorenzo, O.; Herrera, L. Musical tastes of secondary school students' with different cultural ba-

ckgrounds: A study in the Spanish north African city of Melilla. **Musicae Scientiae**, v. 14, n. 1, p. 121-141, 2010. doi: 10.1177/102986491001400105

Delsing, M. J.; Ter Bogt, T. F.; Engels, R. C.; Meeus, W. H. Adolescents' music preferences and personality characteristics. **European Journal of Personality**, v. 22, n. 2, p. 109-130, 2008. doi: 10.1002/per.665

Dunn, P. G.; De Ruyter, B.; Bouwhuis, D. G. Toward a better understanding of the relation between music preference, listening behavior, and personality. **Psychology of Music**, v. 40, n. 4, p. 411-428, 2012. doi: 10.1177/0305735610388897

Ekinci, O.; Bez, Y.; Sabuncuoglu, O.; Berkem, M.; Akin, E.; Imren, S. G. The association of music preferences and depressive symptoms in high school students: A community-based study from Istanbul. **Psychology of music**, v. 41, n. 5, p. 565-578, 2012. doi: 10.1177/0305735612440614

Eshach, H. Bridging in-school and out-of-school learning: Formal, non-formal, and informal education. **Journal of science education and technology**, v. 16, n. 2, p.171-190, 2007. doi: 10.1007/s10956-006-9027-1

Eyerman, R. Music in movement: Cultural politics and old and new social movements. **Qualitative Sociology**, v. 25, n. 3, p. 443-458, 2002.

Flores-Gutiérrez, E.; Díaz, J. L. La respuesta emocional a la música: atribución de términos de la emoción a segmentos musicales. **Salud mental**, v. 32, n. 1, p. 21-34, 2009.

Fritz, T.; Jentschke, S.; Gosselin, N.; Sammler, D.; Peretz, I.; Turner, R.; ... Koelsch, S. Universal recognition of three basic emotions in music. **Current biology**, v. 19, n. 7, p. 573-576, 2009. doi: 10.1016/j.cub.2009.02.058

García, A. La juventud en los medios. **Revista de Estudios de Juventud**, v. 68, p. 45-52, 2005.

Hargreaves, D. J. The development of aesthetic reactions to music. **Psychology of Music**, volume especial, p. 51-54, 1982.

Hargreaves, D. J.; Comber, C.; Colley, A. Effects of age, gender, and training on musical preferences of British secondary school students. **Journal of Research in Music Education**, v. 43, n. 3, p. 242-250, 1995. doi: 10.2307/3345639

Hargreaves, D. J.; Marshall, N. A.; North, A. C. Music education in twenty-first century: a psychological perspective. **British Journal of Music Education**, v. 20, n. 2, p. 147-63, 2003. doi: 10.1017/S0265051703005357

Herrera, L.; Cremades, R. Gustos musicales de los estudiantes de Conservatorio. Música y Educación. **Revista Internacional de Pedagogía Musical**, v. 24, n. 85, p. 64-76, 2011.

Herrera, L.; Cremades, R.; Lorenzo, O. Preferencias musicales de los Estudiantes de Educación Secundaria Obligatoria: influencia de la educación formal e informal. **Cultura y Educación**, v. 22, n. 1, p. 37-51, 2010. doi: 10.1174/113564010790935222

Herrera, L.; Soares-Quadros Jr., J. F.; Lorenzo, O. Music preference and personality in Brazilians. **Frontiers in Psychology**, 9, article 1488, p. 1-12, 2018. doi: 10.3389/fpsyg.2018.01488

Hughes, M. The white audience for black music. In: Hughes, M. (Ed.) **Readings in sociology**. Boston: McGraw-Hill, 1999.

Hunter, P. G.; Schellenberg, E. G.; Stalinski, S. M. Liking and identifying emotionally expressive music: Age and gender differences. **Journal of Experimental Child Psychology**, v. 110, p. 80-93, 2011. doi: 10.1016/j.jecp.2011.04.001

Jacob, C.; Guéguen, N.; Boulbry, G.; Selmi, S. (2009). 'Love is in the air': Congruency between background music and goods in a flower shop. **International Review of Retail, Distribution & Consumer Research**, v. 19, p. 75-79, 2009. doi: 10.1080/09593960902781334

Juslin, P.; Laukka, P. Expression, perception, and induction of musical emotions: a review and a Questionnaire study of everyday listening. **Journal of New Music Research**, v. 33, n. 3, p. 217-238, 2004. doi: 10.1080/0929821042000317813

Lavielle-Pullés, L. Del horror a la seducción: Consumo de reguetón en la conformación de identidades musicales juveniles. **Liminar**, v. 12, n. 2, p. 112-128, 2014.

Lazarevich, I.; Delgadillo-Gutiérrez, H. J.; Mora-Carrasco, F.; Martínez-González, Á. B. Depresión, autoestima y características de personalidad asociadas al género en estudiantes rurales de México. **Alternativas en Psicología**, v. 17, n. 29, p. 44-57, 2013.

Lehmann, A. C.; Sloboda, J. A.; Woody, R. H. **Psychology for Musicians: Understanding and Acquiring the Skills**. Oxford University Press: USA, 2007.

LOE. Ley Orgánica 2/2006, de 3 de mayo, de Educación. (BOE, núm. 106, de 4 de mayo de 2006).

LOGSE. Ley Orgánica 1/1990, de 3 de octubre, de Ordenación General del Sistema Educativo (BOE, núm. 238, de 4 de octubre de 1990).

LOMCE. Ley Orgánica 8/2013, de 9 de diciembre, para la Mejora de la Calidad Educativa. (BOE, núm. 295, de 10 de diciembre de 2013).

López-Sintas, J.; Katz-Gerro, T. From exclusive to inclusive elitists and further: twenty years of omnivorousness and cultural diversity in arts participations in the USA. **Poetics**, v. 33, n. 5-6, p. 299-319, 2005.

López, N.; Gómez, L.; Redondo, M. La radio de las nuevas generaciones de jóvenes españoles: Hacia un consumo

on line de música y entretenimiento. **ZER - Revista de Estudios de Comunicación**, v. 19, n. 37, p. 45-64, 2014.

Lorenzo, O. **Educación musical no formal a través de la prensa de divulgación general en España**. (Tesis Doctoral, Universidad Nacional de Educación a Distancia). Madrid: UNED, 2002.

Mallett, C. J.; Trudel, P.; Lyle, J.; Rynne, S. B. Formal vs. informal coach education. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 325-364, 2009. doi: 10.1260/174795409789623883

Mulder, J.; Ter Bogt, T. F. M.; Raaijmakers, Q.; Vollebergh, W. Music taste groups and problem behavior. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 36, p. 313-324, 2007. doi: 10.1007/s10964-006-9090-1

Murrock, C. J. Music and mood. **Psychology of moods**, p. 141-155, 2005.

North, A. C. Individual differences in musical taste. **American journal of psychology**, v. 123, n. 2, p. 199-208, 2010. doi: 10.5406/amerjpsyc.123.2.0199

North, A. C.; Colley, A.; Hargreaves, D. Adolescents' perceptions of the music of male and female composers. **Psychology of Music**, v. 31, n. 2, p. 139-154, 2003. doi: 10.1177/0305735603031002291

North, A. C.; Hargreaves, D. J. (Orgs.). *The social and applied psychology of music*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2008.

North, A. C.; Hargreaves, D. J. Lifestyle correlates of musical preference: 1. Relationships, living arrangements, beliefs, and crime. **Psychology of music**, v. 35, n. 1, p. 58-87, 2007. doi: 10.1177/0305735607068888

Oriola, S.; Gustems, J. Música y adolescencia: usos, funciones y consideraciones educativas. *Universitas Tarraconensis*. **Revista de Ciències de l'Educació**, v. 1, n. 2, p. 27-45, 2015. doi: 10.17345/ute.2015.2.660

Palmés, F. R. El adolescente ante las drogas y la ansiedad: la música como medio de cambio de estados de ánimo. **El Guiniguada**, n. 13, p. 197-206, 2004.

Pérez, M. La enseñanza de la música en la Educación Secundaria en España desde 1970 según los documentos oficiales de ámbito estatal. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, v. 19, n. 1, p. 77-94, 2005.

Peterson, R.; Simkus, A. How musical tastes mark occupational status groups. In: Lamont, M.; Fournier, M. (Eds). **Cultivating differences: symbolic boundaries and the making of inequality**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. p. 152-186.

Rentfrow, P. J. The role of music in everyday life: Current directions in the social psychology of music. **Social and personality psychology compass**, v. 6, n. 5, p. 402-416, 2012. doi: 10.1111/j.1751-9004.2012.00434.x

Rentfrow, P. J.; Goldberg, L.; Levitin, D. The structure of musical preferences: a five-factor model. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 100, n. 6, p. 1139-1157, 2011. doi: 10.1037/a0022406

Rentfrow, P. J.; Gosling, S. D. Message in a ballad: The role of music preferences in interpersonal perception. **Psychological science**, v. 17, n. 3, p. 236-242, 2006. doi: 10.1111/j.1467-9280.2006.01691.x

Rentfrow, P. J.; Gosling, S. D. The do re mi's of everyday life: The structure and personality correlates of music preferences. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 84, n. 6, p. 1236-1256, 2003. doi: 10.1037/0022-3514.84.6.1236

Robinson, J. **Arts participation in America: 1982-1992**. Washington: National Endowment for the Arts, 1993.

Saarikallio, S. Differences in adolescents' use of music in mood regulation. In: Proceedings of the 9th International Conference on Music Perception and Cognition. Bologna, Italy. 2006. Recuperado de: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/3425549/316.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1524523760&Signature=qeHbR-Z%2BWpJso1YVjQyHgX1p9BUc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DDifferences_in_adolescents_use_of_music.pdf.

Schäfer, T. Determinants of music preference (Tesis Doctoral, Technischen Universität Chemnitz). 2008. Recupe-

rado de: <http://www.qucosa.de/fileadmin/data/qucosa/documents/5749/data/DissertationThomasSchaefer.pdf>.

Schäfer, T.; Mehlhorn, C. Can personality traits predict musical style preferences? A meta-analysis. **Personality and Individual Differences**, v. 116, p. 265-273, 2017. doi: 10.1016/j.paid.2017.04.061.

Schäfer, T.; Sedlmeier, P. From the functions of music to music preference. **Psychology of Music**, v. 37, n. 3, p. 279-300, 2009. doi: 10.1177/0305735608097247.

Selfhout, M. H.; Delsing, M. J.; Ter Bogt, T. F.; Meeus, W. H. Heavy Metal and Hip-Hop style preferences and externalizing problem behavior -a two-wave longitudinal study. **Youth Soc**, v. 39, n. 4, p. 435-452, 2008. doi: 10.1177/0044118X07308069.

Siverio, M. Á.; García, M. D. Autopercepción de adaptación y tristeza en la adolescencia: La influencia del género. **Anales de psicología**, v. 23, n. 1, p. 41-48, 2007.

Sloboda, J. A.; O'Neill, S. A.; Ivaldi, A. Functions of music in everyday life: An exploratory study using the Experience Sampling Method. **Musicae Scientiae**, v. 5, n. 1, p. 9-32, 2001. doi: 10.1177/102986490100500102.

Soares-Quadros Jr., J. F. Mass Media y consumo musical en estudiantes de enseñanza secundaria en Brasil. **Cuadernos de Lingüística Hispánica**, n. 30, p. 187-209, 2017. doi: 10.19053/0121053X.n30.0.6194.

Soares-Quadros Jr., J. F.; Lorenzo, O. Preferência musical e classe social: um estudo com estudantes de ensino médio de Vitória, Espírito Santo. **Revista da ABEM**, v. 21, n. 31, p. 35-50, 2013.

Soares-Quadros Jr., J. F.; Lorenzo, O. Preferências musicais em estudantes de ensino médio no Brasil: o caso de Vitória, Espírito Santo. **Música Hodie**, v. 10, n. 1, p. 109-128, 2010.

Soares-Quadros Jr., J. F.; Lorenzo, O.; Herrera, L.; Santos, N. Gender and religion as factors of individual differences in musical preference. **Musicae Scientiae**, s. n., p. 1-15, 2018. doi: 10.1177/1029864918774834.

Stalinski, S. M.; Schellenberg, E. G. Music cognition: a developmental perspective. **Topics in Cognitive Science**, v. 4, n. 4, p. 485-497, 2012. doi: 10.1111/j.1756-8765.2012.01217.x

Tanner, J.; Asbridge, M.; Wortley, S. Our favourite melodies: musical consumption and teenage lifestyles. **The British Journal of Sociology**, v. 59, n. 1, p. 117-144, 2008. doi: 10.1111/j.1468-4446.2007.00185.x

Tarrant, M.; North, A. C.; Hargreaves, D. J. Social categorization, self-esteem and the estimated musical preferences of male adolescents. **The Journal of Social Psychology**, v. 141, n. 5, p. 565-581, 2001. doi: 10.1080/00224540109600572.

Tipa, J. Una aproximación a clase social, género y etnicidad en el consumo de música entre los estudiantes de la Universidad Intercultural de Chiapas. **Cuicuilco**, v. 22, p. 91-112, 2015.

Van Eijck, K. Social differentiation in musical taste patterns. **Social Forces**, v. 79, n. 3, p. 1163-1184, 2001.

Vázquez, C.; Mouján, J. F. Adolescencia y Sociedad-La construcción de identidad en tiempos de inmediatez. **Psocial**, v. 2, n. 1, p. 38-55, 2016.

Young, R.; Sweeting, H.; West, P. Prevalence of deliberate self-harm and attempted suicide within contemporary Goth youth subculture: A longitudinal cohort study. **British Medical Journal**, v. 332, p. 1058-1061, 2006. doi: 10.1136/bmj.38790.495544.7C.